

## EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES PSICANALÍTICAS

Pérola Lozano T. d Carvalho<sup>1</sup>  
Ana Archangelo<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Este trabalho considera as aproximações possíveis entre o campo da Educação e a Psicanálise, parte do questionamento de qual modelo de escola defendemos e da percepção de uma escola acolhedora e aberta para as diferenças como fundamental para promover a cidadania e a formação crítica.

KLEIN (1959) ao analisar as contribuições da Psicanálise para a Educação nos ensina que aprender a partir das próprias experiências na infância é ter um olhar mais compreensivo e tolerante voltado para as crianças. A autora aponta que não é possível a criação de uma criança sem frustração e que ela pode ressentir-se amargamente, pode menosprezar as coisas boas recebidas e projetar as suas queixas às pessoas a sua volta. Outras, podem suportar frustração sem grande ressentimento e recuperar seu equilíbrio após um desapontamento.

Considerando que há diferentes formas de cada criança lidar com as frustrações e conflitos, ARCHANGELO, A. (2014) discorre sobre a concepção da escola significativa como um campo favorável ao desenvolvimento amplo, que pode fazer da educação escolar uma das mais importantes experiências.

A autora afirma que alguns sentimentos no aluno são presumíveis a partir da constituição da escola significativa, considerando que podem variar no tempo e não são uniformes, sendo: o sentimento de acolhimento, ao ter a certeza íntima de estar sobre os cuidados da escola e possibilitar um espaço mental nos estudantes para viverem de forma mais ampla; o sentimento de reconhecimento relacionado a capacidade de identificação com o outro e suas necessidades e o sentimento de pertencimento, o qual aprofunda a percepção do aluno de que grande parte das suas oportunidades estão naquele ambiente (ARCHANGELO, A., 2014).

Há aqui uma atenção voltada aos discursos hegemônicos que, como aponta Archangelo (2012), como toda e qualquer tentativa homogeneizadora, tende a silenciar as dinâmicas que se estabelecem na construção de uma atitude – seja de aceitação ou rejeição – diante da diferença. A autora ressalva que a diferença não pode ser enfrentada mediante a incorporação de um discurso. A homogeneização pode estar em nome da igualdade, mas, de fato resultar em ocultar a diferença. Afirma que o silenciamento, a supressão ou a negação do conflito é a própria inviabilização da diferença e consequentemente, da convivência com ela. É necessário ter em vista que uma perspectiva social não se dissocia de uma perspectiva psíquica (ARCHANGELO, 2012).

---

<sup>1</sup> Mestrando do Curso de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/ SP, perola.lozano@gmail.com

<sup>2</sup> Professor orientador: Dra Ana Archangelo, Docente da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP/SP, ana.archangelo@gmail.com.

Esta pesquisa considera a importância das reflexões sobre as (im)possibilidades que a cultura coloca para o desenvolvimento das singularidades, pois cada pessoa tem uma pluralidade de marcadores sociais (gênero, orientação sexual, raça, geração, classe social etc) que influenciam a realidade para cada um e também podem se relacionar com uma perspectiva psíquica.

Este projeto tem a intenção de investigar as concepções dos jovens, entre 15 a 17 anos, a respeito das questões de gênero e sexualidade vivenciadas na escola. A partir do relato destes, será feita uma interlocução com a bibliografia no campo da Psicanálise, sexualidade e gênero.

Trata-se de uma investigação qualitativa que tem a psicanálise como aporte teórico-metodológico.

A importância deste estudo se justifica pela necessidade da sociedade refletir e questionar sobre as diferentes abordagens com jovens no campo da sexualidade e gênero, que podem acolher ou limitar as formas de aprendizagem, as experiências de vida e o processo de construção de desejos e expressões.

Certas expectativas estão associadas a ideias e estereótipos de gênero, ou seja, as características e comportamentos que são esperados de meninos e meninas e das relações que estabelecem entre si, são exigências de padrões que se mostram nas instituições, nas normas, nos discursos e nas práticas que circulam na sociedade.

As situações de violência relacionadas às desigualdades entre meninos e meninas, assim como, com a população LGBT, denunciam a urgência de tratar este tema. A violência está ligada à possibilidade de alguém impor sua vontade, sem consentimento, sobre a vontade do outro. Agressões físicas, chantagens, pressão psicológica ou negar acesso a direitos são formas de violência que podem estar presentes no contexto escolar. Ao não combater preconceitos que geram discriminação e violência, a escola reproduz desigualdades (LINS, 2016).

A discussão sobre as diferentes formas de vivenciar as sexualidades se faz fundamental ao olhar para a história e recordar que a homossexualidade foi retirada das nomenclaturas da Associação Americana de Psiquiatria em 1973 (Conselho Regional de Psicologia, 2011).

Em dias atuais, em junho de 2018, a ONU (Organização das Nações Unidas) decidiu pela revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) na qual a transexualidade foi movida para a categoria "condição relativa à saúde sexual" e retirada da categoria "distúrbios mentais", porém permanece no CID-11 (Ministério dos Direitos Humanos, 2018).

Nesta perspectiva, é necessário questionar as categorias patológicas construídas que fogem à hétero-cis-normatividade. Esta patologização parte do princípio em encontrar algo de particular, de "desviante", específico das subjetividades homossexuais, trans ou não-binárias, o que a Psicanálise aponta desde Freud, como tentativas fracassadas e atesta assim que a pulsão escapa a qualquer tentativa de normalização e de um ideal de sexo e gênero.

Considerando que todo conhecimento psicanalítico tem como base o campo do sexual é de interesse da Psicanálise onde está o excesso, o traumático, a fonte de maior angústia, aquilo que não consegue abrir mão, o que foi para sempre perdido desta experiência original que se tornou impossível e desta forma, questionar o que resiste a toda construção social. A Psicanálise aponta para outras vertentes que não são os estudos de gênero com ênfase em uma construção social, nem uma abordagem essencialista e biológica que reduz à sexualidade a uma suposta natureza.

A escolha pelo diálogo da Psicanálise e a Educação se justifica pela importância

do papel das instituições escolares no desenvolvimento psíquico e emocional dos alunos, pela grande relevância do conhecimento psicanalítico para pensar as singularidades em relação a sexualidade e gênero e pela necessidade de ampliação dos estudos da área de Educação com associações da Psicanálise

#### METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A abordagem metodológica deste trabalho busca contemplar os aspectos individuais e sociais e a necessária interpretação da interação entre elas. Ressalta-se a postura do pesquisador diante dos entrevistados, ao estar atento aos aspectos transferenciais e considerar que as próprias reações do pesquisador podem influenciar o material a ser pesquisado (ARCHANGELO, 2008).

É de fundamental importância o pesquisador estar disponível e inteiro emocionalmente no momento das entrevistas para que uma comunicação significativa aconteça. A escuta do pesquisador neste trabalho considera o sujeito inconsciente no qual se supõe saber de si e revela-se pelo não dito, nos atos falhos, no que escapa. Considera-se a interpretação da transferência estabelecida no processo de entrevista, o que possibilita um vínculo diferenciado entre pesquisador e pesquisado, com a melhor delimitação do objeto de pesquisa, um refinamento da escuta e maior compreensão da dinâmica social a ser investigada (ARCHANGELO, 2008).

Entretanto, a autora aponta que a transferência a ser interpretada nas entrevistas é estritamente aquela relacionada a parcela emocional que se associa diretamente a aspectos sociais que a pesquisa pretende abordar. A metodologia desta pesquisa faz referência a alguns dos princípios de Clarke (2001 apud Archangelo, A., 2008), como: o uso de entrevistas qualitativas não-estruturadas; o mínimo de intervenção do pesquisador; o sujeito da pesquisa ser capaz de fazer uso da “livre-associação”, considerando que o uso da associação permite que ideias inconscientes e motivações aflorem, ao invés de seguir qualquer roteiro lógico de entrevista.

Há a intenção de desenvolver as seguintes etapas em relação a escrita do material a ser apresentado: gravação e transcrição das entrevistas; leitura e correção realizadas tanto pelos entrevistados quanto pela pesquisadora; produção de uma síntese e análise do material; correção e aprovação do texto final a ser realizada pelos entrevistados.

A metodologia de produção de dados consiste na realização de grupos focais com jovens nas escolas, a partir de exibição de filmes para sensibilização sobre o tema e roda de conversa em seguida. Também serão realizadas entrevistas individuais com os participantes.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética, os participantes e responsáveis irão assinar os termos de consentimento e de assentimento. Estima-se que a pesquisa seja realizada com 6 jovens, com idade entre 15 a 17 anos, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública na cidade de Campinas/SP. Será garantida a privacidade e confidencialidade das informações, sendo que em qualquer momento os participantes podem desistir da participação na pesquisa.

#### DESENVOLVIMENTO

A escolha deste trabalho privilegia a fase de desenvolvimento da adolescência, o que traz inicialmente especificidades importantes a serem consideradas. Erikson (1987) aprofunda a abordagem psicanalítica da adolescência e aposta na direção ética de uma realidade histórica a ser considerada. A constituição de uma identidade faz com que o adolescente desenvolva a capacidade de discriminar, separar-se do outro, diferenciar externo-interno, adulto-infantil e presente-passado-futuro.

No contexto contemporâneo, é preciso questionar a problemática de constituir uma identidade unitária e imutável. A identidade se transforma no tempo e a própria Psicanálise tem o papel de desconstrução desta concepção.

Em relação às diferentes maneiras das instituições escolares acolherem, ou não, as particularidades de cada um, As escolas tendem a funcionar de diferentes formas, sendo a escola acolhedora a que mais se aproxima de abordar a diferença como “ponto de inflexão que inaugura o conflito e com ele coincide” (ARCHANGELO, 2012, p.312), mobilizando a atividade de pensar, a criatividade na busca de respostas e a atitude de aprender com a experiência.

Para a autora, a igualdade se dá na experiência de ligação com o outro, ou seja, na vivência da diferença, por meio da identificação profunda entre a mente de um sujeito e a de outro. A diferença está assim na origem e em toda possibilidade de relação. Pesquisar as diferenças subjetivas com o recorte sobre gênero e sexualidade implica pensar as “relações de gênero” incluindo a plasticidade do corpo biológico, o que não significa negá-lo, superdimensionando a força do cultural e do simbólico.

Entende-se que a Psicanálise é um campo rico para contribuir com os avanços nos estudos que trabalhem com a tensão entre o corpo biológico e corpo simbólico, considerando as possibilidades de transformações com respeito às identidades (MORAES, 1998).

Há a intenção de avançar a compreensão da condição que o gênero ocupa na psicanálise, uma vez que a própria categoria conceitual de gênero é posterior a Freud. Observamos uma mudança e evolução dos conceitos freudianos neste tema no decorrer da sua obra. A frase “a anatomia é um destino” (FREUD, 1924, p. 197) para variar um dito de Napoleão, demonstra ter sido abandonada pelo próprio Freud posteriormente e não responde as questões atuais, como da transitoriedade entre os sexos.

Destaca-se a atualidade do pensamento freudiano nos pressupostos de que a excitação sexual não está só nas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo (Freud, 1905). O pulsional para Freud é uma “libido única, possui objetivos, ou seja, modalidades de satisfação tanto ativos quanto passivos” (FREUD, 1931, p.248).

Uma leitura possível de Freud (1905) em relação a bissexualidade é a existência de um período que não haveria sexo (nem masculino e feminino de forma única). Assim, tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade se mostram como destinos pulsionais ligados a resoluções edipianas. O fundador da Psicanálise discorre sobre uma predisposição bissexual e aborda que a alternativa inato e aprendido é incompleta para explicar o que chama de inversão, a homossexualidade.

Freud (1933, p. 116) trata como um “erro de suposição” a ligação necessariamente ativa com o masculino e passiva com o feminino, sendo a mãe ativa para com o filho em todos os sentidos, como na amamentação. Pode-se considerar como característica psicológica da feminilidade dar preferência para fins passivos, o que não é o mesmo que passividade pois pode ser necessário uma grande quantidade de atividade para chegar a um fim passivo (FREUD, 1933). O autor afirma que “o que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (FREUD, 1933, p.115).

Freud desenvolve toda a sua teoria com base no campo do sexual. Para Bion, pode-se dizer que a sexualidade passa a ser considerada a partir das dificuldades em lidar com a verdade da experiência. Para aprender com a experiência, a função alfa, formada pelos elementos alfa deve atuar sobre a percepção da experiência emocional. Os elementos alfa se originam das impressões da experiência, são utilizadas nos pensamentos oníricos e no pensar inconsciente da vigília.

Os pensamentos que eram conscientes, tornam-se inconscientes, como quando uma criança realiza todo o pensar que necessita para andar, sem estar depois consciente de nada disso no decorrer do desenvolvimento ( BION,1966).

Um diálogo possível entre a Psicanálise e a Educação pode estar em pensar a relação entre o enfrentamento dos objetos reais, bons e ruins de forma integrada e o aprendizado pela experiência por meio da teoria da função alfa de Bion que se relaciona com a discriminação e o estabelecimento de contato entre o consciente e inconsciente, com origem na ação do sonho. A teoria da função alfa, nos ensina como se experimenta sentimentos mas não se aprende com eles. Os ataques a função alfa, que o ódio e a inveja estimulam, destroem a possibilidade de contato consciente, seja consigo mesmo ou com os outros, e não permite dar sentido as impressões sensoriais.

Bion nomeia de elementos- beta os objetos que evacuem, não podem ser armazenados, não produzem pensamentos, portanto não possibilitam a capacidade de sonhar. Tantos os elementos-beta quanto os elementos-alfa relacionam-se com a experiência verdadeira, entretanto os elementos beta não são apreensíveis e pensáveis pelo psiquismo ( BION,1966).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa está em andamento, a coleta de dados não foi concluída até o momento. Espera-se assim avançar nas reflexões no tema da sexualidade e gênero, a partir da Psicanálise e contribuir para possíveis associações que se dão na área de Educação. A Psicanálise é convocada a se posicionar sobre esta temática nas escolas, analisando as formas de pensamento que podem limitar formas de expressão e perpetuar a exclusão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A leitura do percurso freudiano no tema revela que as masculinidades e as feminilidades podem ser consideradas como pontos de chegada e não de partida. Freud já afirmava há muito tempo que entendia a homossexualidade como uma variedade da organização genital da sexualidade, o que na nossa sociedade só foi reconhecido décadas depois e até tempos atuais, constata-se altos índices de discriminação, preconceito e violência contra homossexuais, o que se reproduz para dentro das instituições escolares.

Os subsídios teóricos de Bion também têm grandes contribuições para aproximações com a narrativa dos jovens deste campo de estudo, a medida que considera a sexualidade a partir da experiência emocional e a pluralidade de formas destas vivências, atravessadas pela alteridade no contato com o outro e com partes de si mesmo e os conflitos envolvidos.

Aprofundar os mecanismos psíquicos que perpassam os diferentes modos de subjetivação em relação as sexualidades, é enfrentar os estereótipos de gênero, as características que são esperadas culturalmente de meninos e meninas e das relações que estabelecem entre si que podem ser expressas no contexto educacional.

Desta forma, este trabalho tem como desafio uma análise psíquica das sexualidades à luz da Psicanálise integrada em um contexto social no campo da Educação, considerando as descobertas sexuais, os desejos, os medos, as ansiedades, os conflitos em relação a padrões impostos e as diferentes formas de sentir.

**Palavras-chave:** Gênero e Sexualidade, Educação, Psicanálise e Educação, Educação.

## REFERÊNCIAS

ARCHANGELO, A. O lugar da interpretação na metodologia de pesquisa social. Nuances: estudos sobre Educação. Presidente Prudente, SP, ano XIV, v. 15, n. 16, p. 51-63, 2008.

ARCHANGELO, A.; Oyama, D. K.; Pompeu, M. L. O conflito da diferença na escola: uma visão psicanalítica. ETD – Educação Temática Digital 14, pp. 299-313, 2012.

ARCHANGELO, A. O amor e o ódio na vida do professor: passado e presente na busca de elos perdidos. Editora Cortez, Campinas, SP, 1999.

ARCHANGELO, A, Villela, F. Fundamentos da escola significativa. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

BION, W. R. O aprender com a experiência. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1966.  
Ceccarelli, P. R. Psicanálise, Sexo e Gênero. Algumas reflexões. Diversidades: Dimensões de Gênero e sexualidade. Rial, C.; Pedro, J.; Arende, S. (Org.) Florianópolis: Ed. Mulheres, 269-285, 2010.

Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (org). Psicologia e diversidade sexual. Caderno Temático 11, 2011, p: 54. Acesso: 27/07/2018.

ERIKSON, E. Identidade, Juventude e Crise. Editora Guanabara S.A, 2ª edição, 1987.

FREUD, S. Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, v. VII, 1905.

FREUD, S. A dissolução do Complexo de Édipo. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, v. XIX, 1924.

FREUD, S. Sexualidade Feminina. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI, 1931.

FREUD, S. Feminilidade. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, v. XXII, 1933.

KLEIN, M. (1959) Nosso mundo adulto e suas raízes na infância. Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

LINS, B A., MACHADO, B. F. e ESCOURA, M. .Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

Ministério dos Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.mdh.gov.br/todas-asnoticias/2018/junho/organizacao-mundial-da-saude-retira-a-transexualidade-da-lista-dedoencas-e-disturbios-mentais>. Publicado em: 22/06/2018. Acesso em: 26/07/2018.

MORAES, M. L. Q. Usos e limites da categoria gênero. Cadernos Pagu (11), 1998.